



poder, suas consequências nem sempre são positivas.

Nesse viés, partimos do pressuposto que professores e alunos estabelecem diferentes relações em sala de aula: positivas, negativas, amistosas, hostis, simpáticas, antipáticas, de paz e de guerra.... Percebemos como essas relações, quando mediadas pelo reconhecimento mútuo entre os sujeitos, podem ser “positivas”; afirmando o conceito de reconhecimento como instrumento fundamental à dinâmica escolar. Conscientes de que o reconhecimento se dá como um processo recíproco em que ambos, professores e alunos, através do movimento de se fazer reconhecível ao outro, também se reconhecem, podemos compreender que essa capacidade do sujeito é gerada, primeiramente, por um discurso normativo. Neste sentido, como afirma Butler (2015a, p. 35):

O reconhecimento de si acontece, de modo que o que posso “ser”, de maneira bem literal, é limitado de antemão por um regime de verdade que decide quais formas de ser serão reconhecíveis e não reconhecíveis, (...) o regime de verdade fornece um quadro para a cena de reconhecimento, delineando quem será classificado como sujeito de reconhecimento e oferecendo normas disponíveis para o ato de reconhecimento.

Entendemos, portanto, que são a partir de determinadas condições normativas, que o reconhecimento acontece; são esses enquadramentos que delimitam o que será ou não reconhecido, ou quem será ou não reconhecido. Essas condições normativas, por sua vez, são explicitadas por Judith Butler a partir do desenvolvimento do conceito de “quadros normativos”, contemporaneamente usado em discussões sobre normatividade e violência ética.

Conscientes, entretanto, de suas possíveis contribuições às reflexões sobre educação (e filosofia da educação), utilizaremos tais concepções, ao analisar a sala de aula como um espaço de formação social e constituição de sujeitos, sendo ela também um ambiente onde se configura e se concebe o reconhecimento como processo essencial e “condição sob a qual o ser humano alcança a compreensão psíquica de seu próprio eu” (BUTLER, 2016, p. 186).

Diante desta perspectiva e focando a relação entre professores e alunos, pretendemos, através deste estudo, identificar quais quadros normativos se constituem atualmente no cenário da sala de aula, e como eles agem na estruturação dos modos de reconhecimento e a violência ética implicada por essa normatividade que busca enquadrar a todos, professores e alunos, a partir de seus próprios critérios.

A metodologia pensada para o projeto baseia-se fundamentalmente em uma abordagem qualitativa, uma vez que, ao investigar as percepções a partir das quais os participantes da pesquisa (professores e alunos) se enxergam e se reconhecem mutualmente, percebemos o forte caráter subjetivo da pesquisa.

Para tanto, a pesquisa se estruturará em uma pesquisa bibliográfica e em uma pesquisa de campo e, como forma de organização, a mesma foi dividida inicialmente em três fases: na primeira fase da pesquisa buscaremos identificar e definir os conceitos em foco. Na segunda

fase iniciaremos a pesquisa de campo, na qual realizaremos as entrevistas e elaboraremos as molduras pelas quais professores e alunos enquadram uns aos outros como “bons” ou “ruins”. Na última e mais importante fase da pesquisa, voltaremos a campo, dessa vez, para entrevistar professores e alunos, separadamente, e descobrir em que eles se reconhecem nas molduras elaboradas na fase anterior, ou se veem constrangidos e limitados por elas.

A presente pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética com CAAE nº 36994120.7.0000.5151. Estando, portanto, em consonância com os princípios éticos em pesquisa envolvendo seres humanos nos termos da Resolução 466/2021; 510/2016 e Norma operacional 001/2013.

Ao partirmos da sala de aula como espaço de análise e onde também se formulam e se reproduzem diferentes quadros normativos, podemos pensar que molduras são elaboradas e assumidas por professores e alunos ao enquadrarem uns aos outros no processo de reconhecimento. Nesse sentido, indagamos: que professor (ou aluno) posso ser segundo os quadros normativos em atuação? A que violência ética estão sujeitos os professores e alunos que não se “enquadram” às molduras sobre o que é reconhecido como um “bom professor” e um “bom aluno”? Tais questionamentos evidenciam algumas das implicações dos conceitos trabalhados na pesquisa; embora cientes da importância de todas as questões, nos atentamos a investigar em que medida professor e aluno se reconhecem nas molduras estabelecidas ou se veem limitados por elas.

A luz dos conceitos investigados, compreendemos que o professor, no ato de reconhecimento, necessita sumariamente de um quadro de referência no qual ele se baseará em certos critérios para identificar quais sujeitos são reconhecíveis (ou não) como alunos; e os alunos precisam também corresponder a tais normas para serem reconhecidos. Essas normas, por sua vez, compõem um quadro ou produzem um enquadramento que condicionam a cena de reconhecimento, delimitando quais sujeitos serão reconhecíveis e como o serão.

Com efeito, em entrevista concedida a Knudsen (2010), Butler descreve, entretanto, que “o reconhecimento também pode ser o lugar onde os campos de inteligibilidade são transformados” (p. 168). A partir desta afirmação, podemos entender que os enquadramentos normativos não atuam de forma estável ou permanente, ou seja, existe uma possibilidade de ruptura destas molduras, por meio da qual podemos pôr em questão o enquadramento socialmente em vigor, abrindo espaço para novos quadros.

**Palavras-chave:** Enquadramento; Reconhecimento, Normatividade.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Anseio de reconhecimento**. Equatorial: revista do programa de pós-graduação em antropologia social, v. 3 n. 5 (2016): Dossiê: Paisagens sonoras. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14922>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

KNUDSEN, P.P.P.S. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Paris, junho de 2008. **Revista Estudos Feministas**. vol.18, n.1, p. 161-170, Jan./Abr. 2010.